

## A CONTRIBUIÇÃO DE UMA PRÁTICA EDUCATIVA SOBRE HPV E CÂNCER DO COLO DO ÚTERO EM UM ESPAÇO COLETIVO PARA A DIVULGAÇÃO DE INFORMAÇÕES PREVENTIVAS DE PROMOÇÃO DA SAÚDE

Amanda Pimentel Berk De Queiroz<sup>1</sup>  
Marcelo Borges Rocha<sup>2</sup>  
Taciana Novelo Gatto<sup>3</sup>

### Resumo

A divulgação de informações pertinentes à prevenção pode beneficiar muitos indivíduos inclusive evitando que os mesmos sejam contaminados por diversos organismos patológicos. Esse estudo tem o objetivo de problematizar os impactos de uma prática educativa, expositiva e interativa, num bairro periférico do Rio de Janeiro. O vírus HPV e o câncer de colo de útero foram às temáticas desenvolvidas durante as atividades da pesquisa junto aos moradores da região. Os dados foram coletados através do discurso dos participantes. Nos resultados identificamos a condição do conhecimento sobre o tema e prática preventiva exercida pelos participantes, que em sua maioria assegura a importância da realização de ações educativas semelhantes. Diante disso, destaca-se a importância da elaboração de campanhas e ações educativas de amplo alcance à população.

**Palavras-chave:** Prática educativa. HPV. Prevenção. Espaço não formal.

## THE CONTRIBUTION OF AN EDUCATIONAL PRACTICE ABOUT HPV AND UTERINE CANCER IN A COLLECTIVE SPACE OF INFORMATION AND DISCLOSURE OF PREVENTIVE HEALTH

### Abstract

Disclosure of information relevant to prevention can greatly benefit individuals,

<sup>1</sup> Mestre em engenharia ambiental CEFET- UERJ. Email: berk.amanda@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Pós- doutorado em Administração pública pela EBAPE na Fundação Getulio Vargas, professor no ensino superior programa de pós graduação (CEFET-RJ). EMAIL: rochamarcelo36@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Docente de Biologia SME-RJ, Email: taianagatto@hotmail.com

including preventing them from being contaminated by various pathological organisms. This work arises with the purpose of demonstrating how an educational, expositive and interactive practice in a peripheral district of Rio de Janeiro positively impacts the residents of that region. The activity developed was based on the HPV virus and cervical cancer. The data collection was obtained through the participants' discourse during the activity and we consider the methodology as qualitative and quantitative. In the results, we mapped the condition of the knowledge about the subject and the preventive practice practiced by the participants, which in the majority assures the importance of carrying out similar educational actions. It is considered decisive the elaboration of campaigns and educative actions of wide reach to the population.

**Key words:** educational practice, HPV, prevention, non-formal space.

## INTRODUÇÃO

Os aspectos que giram em torno da saúde pública estão muitas vezes atrelados à divulgação de informações pertinentes como suas características, funcionamento e desdobramentos. A saúde coletiva surge para regular as ações que irão se dirigir em larga escala à população. Nesse sentido, Nunes (1994) afirma que além de atos preventivistas e da medicina social carece ponderar os âmbitos da corrente do pensamento, prática-teórica e o movimento social.

A fim de alcançar um diagnóstico, os profissionais da saúde averiguam quais os sintomas exibidos e através de um conhecimento e estudo prévio são capazes de identificar qual a enfermidade que se desponta no paciente e indicar seu tratamento. Inúmeras infecções e contaminações podem ser observadas com altos índices de pessoas doentes gerando um cenário muitas vezes preocupante na sociedade.

Diante deste cenário, o ensino torna-se fundamental para que haja qualquer avanço na área da saúde. O alcance à população pode ocorrer de diferentes formas como cursos especializados para formação de profissionais em saúde como medicina, enfermagem, radiologia, biomedicina, odontologia e nutrição; ou de maneira mais informal que atinja mais indivíduos promovendo campanhas educativas difundindo informações relativas principalmente à prevenção.

Observa-se em diversas regiões do Brasil a precariedade na saúde pública e a ausência de recursos para que haja o acesso de grande parte da população a tratamentos, medicamentos, ou inclusive ao atendimento médico (VASCONCELLOS, 2004). Já são identificadas as formas de transmissão de muitas doenças que estão associadas a hábitos simples e diários de um indivíduo e dessa forma é possível impedir o contágio através da mudança de atitudes cotidianas.

Um benefício gerado para o poder público seria uma grande economia no setor da saúde com a ampliação de ações voltadas para a prevenção, pois representam redução nos gastos públicos com postos de atendimento e hospitalares, medicamentos e despesas de ambulatórios.

São necessárias práticas educativas com o objetivo de informar os indivíduos sobre qual a maneira correta de lidar com os riscos e quais as preocupações com a higiene e relações interpessoais. Assim, será possível realizar uma transformação relevante na sociedade e favorecer a população carente de processos medicinais, por exemplo, que são importantes para impedir a contaminação de doenças em que os vetores e agentes transmissores são microrganismos ou insetos. Sobretudo, as doenças sexualmente transmissíveis são um exemplo notável de como a prevenção é definitiva para reduzir a magnitude de disseminação de certas doenças.

Essa pesquisa emerge desse lapso informativo acerca de um vírus, o HPV, responsável pela debilidade na saúde de muitas mulheres principalmente através do desenvolvimento do câncer do colo do útero. O número de mulheres que apresenta esse tipo de câncer todo ano no Brasil é expressivo. A possibilidade de redução desse índice e dos agravos causados por esse vírus através do uso do preservativo e da noção da existência do vírus e de suas consequências é considerável o que estimula e norteia a multiplicação de atividades e pesquisas similares.

## SEXUALIDADE E DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

A sexualidade precoce é uma realidade cada vez mais forte e presente no cotidiano independente de classes sociais, atingindo de forma irrestrita os indivíduos que não possuem orientação parental, através do acesso à mídia que veicula conteúdos impróprios e apelativos, com grande frequência, e, em diferentes programações, assim como possuem acesso através da internet a conteúdos de cunho sexual com facilidade.

O diálogo torna-se imprescindível para que os jovens alcancem uma consciência acerca de seus atos e das transformações sofridas pelos seus corpos na puberdade e possam tomar decisões que não comprometam sua saúde estando submetidos aos riscos intrínsecos da iniciação sexual. Os jovens na fase da adolescência estão afoitos por experimentar sensações motivadas pela curiosidade e, por isso, se introduzem no universo sexual sem proteção (TORNIS et al., 2005).

Há uma preocupação no âmbito nacional e internacional na esfera da saúde pública no que se refere ao comportamento sexual dos jovens como afirmam Frias e Teixeira (2014), pois esse comportamento displicente acarreta consequências que atingem, direta ou indiretamente, a saúde dessa parcela da população.

A fragilidade do grupo de jovens se revela através de seus hábitos desfavoráveis principalmente à prevenção como a baixa frequência e irregularidade ou até mesmo ausência do uso de preservativos e a prática sexual com variedade de parceiros e realizada com grande periodicidade como determinam Façanha et al. (2004). Essas práticas acentuadas à falta de informação ou tabus conservadores consolidados e a ausência de diálogos com adultos mais experientes, segundo Camargo e Ferrari (2009) ocasionam um grande problema de saúde pública. O trabalho de Maron et al. (2013) aborda que o conhecimento dos jovens acerca das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) se restringe à AIDS, doença mais notória na sociedade.

As DSTs de acordo com Santos et al. (2009) apresentam um potencial de propagação elevado se alastrando e contaminando um grande número de indivíduos

de forma acelerada. Ito et al. (2010) descrevem características do Papilomavírus Humano (HPV) assegurando que o mesmo atinge milhões de pessoas, o Brasil adota posição de destaque no *ranking* de contaminação pelo vírus com 34 milhões de cidadãos infectados.

Existem mais de 100 tipos diferentes de HPV e podem ser de baixo e de alto risco para o desenvolvimento do câncer. Os HPV tipos 6 e 11, encontrados na maioria das verrugas genitais e papilomas laríngeos, parece não oferecer nenhum risco de progressão para malignidade. Entretanto, os tipos virais 16, 18, 31, 33, 45, 58, considerados de alto risco, estão associados a lesões pré-cancerígenas e tumores genitais. Para o desenvolvimento do câncer cérvico-uterino, a infecção cervical pelo HPV é considerada o primeiro passo. (ITO ET AL., 2010, p. 127)

Diante da correlação existente entre a contaminação do HPV e o possível desenvolvimento do câncer de colo do útero, supunha-se que o vírus poderia contaminar exclusivamente as mulheres e, sendo assim, os homens estariam isentos de porte ou transmissão não sofrendo, portanto danos em sua saúde também através do HPV. Contudo, na literatura encontramos o contrário como o exposto por Xavier et al. (2007) ao afirmarem que o homem pode ser contaminado com o HPV e expor tumores benignos em seu órgão sexual. Logo a prevenção e o cuidado com o HPV devem estar presentes em indivíduos de qualquer gênero.

Santos et al. (2009) demonstram que as DSTs são originadas por distintos tipos de microrganismos tais como vírus, protozoários, fungos ou bactérias que têm um aparecimento sintomático na zona genital, em demais regiões do corpo ou até mesmo assintomáticas que oferecem uma significância epidemiológica marcante.

Diante desta realidade, há uma recomendação de que o tema Sexualidade, considerado transversal pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), seja trabalhado no ambiente escolar (SILVA e CARVALHO, 2005). Locais públicos coletivos também são propícios para aplicação de metodologias participativas baseadas no diálogo e na interlocução com o público que pode adotar linguagens que considerem a realidade sociocultural do sujeito e diversificar utilizando elementos lúdicos e criativos.

Quanto ao câncer do colo do útero determinados pontos devem ser observados, como o índice elevado de mulheres que é acometida por esse tipo de

câncer como é assinalado por Cruz e Loureiro (2008) e revelado em pesquisa realizada no ano 2002, pelo Instituto Nacional de Câncer (INCA) através do Programa Viva mulher: Programa Nacional de Controle do Câncer do Colo do Útero, que aponta o tema como uma sensível questão no Brasil. Quanto às iniciativas que visam a prevenção desse tipo de câncer há uma ineficiência no cumprimento de metas governamentais observando o panorama nacional (CRUZ e LOUREIRO, 2008).

Uma parcela da sociedade que surpreende nos índices apresentados de DSTs e sua respectiva contaminação é a terceira idade. Há um déficit de informações que alcançam esse público, pois existem poucas campanhas abrangendo sua sexualidade em locais públicos e dessa forma esses indivíduos ficam a mercê apenas do que é veiculado na mídia. Braga e Souza (2016) advertem sobre a relevância de políticas de prevenção para os idosos, sobretudo no que se refere às DSTs. Neves et al. (2015) ressaltam sobre a existência de fatores que colaboram para o aumento da contaminação dos idosos destacando a ausência de campanhas e ações educativas preventivas.

Freitas (2014) defende que as ações autônomas de preservação da saúde estimuladas pelas campanhas de prevenção resultam em uma população corresponsável pela sua própria saúde e avigora a incitação a comportamentos saudáveis por parte da população.

## **O PAPEL DOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE ENSINO**

Vieira (2005) determina que a categoria em que se insere a educação não formal consiste por uma prática educativa em ambiente distinto do universo escolar que possui um intuito didático com finalidade de aprofundar ou exemplificar algum conteúdo ou múltiplos.

As disparidades de aspectos que abarcam a formação do ser humano e suas exigências variadas sejam históricas, políticas, culturais, sociais, encontram suporte por meio da educação adquirida por esse indivíduo a partir de fontes distintas, o que

explica a importância da vivência e experiência também na educação não formal (CASCAIS et al., 2011).

O espaço não formal de ensino emerge como ensejo de complementação do ensino formal, além de permitir acesso às populações e sujeitos múltiplos que não cursam mais o ambiente escolar. Desse modo é plausível uma atualização de conteúdos, como ainda o enfoque de temáticas de valor coletivo que não apresentam espaços deliberados para a propagação de seus conhecimentos.

Gadotti (2005) expõe algumas propriedades do espaço não formal e seu potencial de ensino como, por exemplo, ser menos hierárquico, burocrático e mais difuso, sem definições de horário e a consideração à individualidade dos participantes, respeitando o ritmo de aprendizagem de cada um.

Marandino et al. (2004) assinalam que são acanhadas e abreviadas as iniciativas de averiguação que exibem a educação não formal como seu foco central, principalmente no Brasil. Marandino (2001) aponta o potencial do espaço educativo não formal para o ensino perante a relação constituída pelo indivíduo com aquele novo ambiente, a disposição e a exposição do conhecimento nesse local, o tempo e o ritmo da interação do indivíduo com aqueles certos elementos didáticos, todos esses são fatores singulares e diferenciados.

Langhi e Nardi (2009) elencam que como benefícios a educação não formal proporciona ao sujeito a liberdade de opção face aos procedimentos e conteúdos de aprendizagem assim como a falta de exigências legislativas compulsórias.

Todavia vale lembrar que a metodologia pedagógica exercida é decisiva para deliberar a qualidade do processo de aprendizagem adquirido, já que existem profissionais que mesmo em espaços não formais de ensino empregam métodos tradicionais expositivos o que contradiz a sugestão dinâmica e interativa do espaço diferenciado e abrevia o potencial de assimilação de conteúdo pelos indivíduos (JACOBUCCI, 2008).

Mais um fator do espaço não formal de ensino é a contextualização e a aproximação da realidade do indivíduo do conhecimento recomendado, viabilizando

uma visão ampliada e completa dos saberes, como Pinto e Figueiredo (2010) garantem ser instrumento para concretizar a construção de conhecimentos.

Queiroz et al. (2014) expõem que inúmeros educadores por desconhecerem os atributos e sentidos dos espaços não formais de ensino, utilizam esse recurso de forma inadequada, ignorando seu potencial educativo empregando essa oportunidade como apenas um passeio ou atividade de recreação.

### **A PREVENÇÃO PARA A DIMINUIÇÃO DOS ÍNDICES DE CONTAMINAÇÃO**

Santos e Westphal (1999) conversam sobre o momento vivido e sobre as demarcações diante das práticas educativas relativas à saúde defendendo o aparecimento de uma transformação permeada por debates políticos e acadêmicos.

Torres e Enders (1999) ponderam que a atuação educativa para a saúde precisa seguir um princípio contínuo, dinâmico, que habilita o indivíduo a tornar-se um agente crítico capaz de buscar uma reflexão acerca das causas e características dos problemas de saúde.

Para a eficácia de uma campanha educativa, especialmente com o alvo da prevenção na área da saúde, Cruz e Loureiro (2008) salientam a seriedade de se observar determinados critérios, sobretudo sócio-históricos-culturais em certo público alvo.

Acioli (2008, p. 120) avalia sobre a qualidade da ação educativa direcionada para o ensino em saúde:

As práticas de Educação e Saúde numa proposta de construção compartilhada devem ser orientadas pela busca da interdisciplinaridade, da autonomia e da cidadania. Ou seja, práticas que privilegiem a interação comunicacional onde sujeitos detentores de saberes diferentes, apropriam-se destes, transformando-se e transformando-os.

Existem diferentes metodologias que podem ser atribuídas às práticas educativas. Entre elas as que possuem o estilo dinâmico e interativo oferecem

resultados positivos e significativos na maioria das ocasiões e que seguramente se acomodam ao contexto da saúde.

Monteiro et al. (2003, p. 659) expressam que uma prática pedagógica através de um jogo didático é avaliada pertinente pois “gera informação, estimula a reflexão e o diálogo acerca de situações do cotidiano” bem como amplia o alcance das mensagens, incentiva maior interesse dos participantes principalmente pautada na área da saúde.

Martins et al. (2011) aludem outra prática educativa com o viés dinâmico e participativo narrando uma experiência de oficinas como espaço de debate e reflexão acerca da temática da sexualidade. Os autores asseguram que essa prática se despontou produtiva com jovens e expandiu o conhecimento dos participantes aparecendo como chance de esclarecimento para dúvidas, mitos e tabus instigadas por estudantes.

Múltiplos profissionais podem agir na efetivação de programas de prevenção da saúde para a população, entre eles o agente comunitário de saúde é um dos profissionais mais aconselhados já que agem diretamente no atendimento diário dos moradores de determinada região trazendo, por conseguinte uma ação mais direta e contínua (GOMES et al., 2009). Garcia (2001) trata a fragilidade na formação dos profissionais da área de saúde dentro do escopo educativo relevante para a prática preventiva da população, pondera que a proeminência maior é para o exercício de técnicas e procedimentos de tratamento em detrimento da capacitação para o ensino da saúde.

Vasconcellos (2004, p. 70) afirma que “atualmente há duas grandes interfaces de relação educativa entre os serviços de saúde e a população: os grandes meios de comunicação de massa e a convivência cotidiana dos profissionais com a população nos serviços de saúde.” Sendo assim admite a importância dos profissionais da área de saúde como agentes de multiplicação das informações relacionadas à prevenção.

Na pesquisa exibida por Melo e Santana (2005), os dados alcançados despontam alguns fatores inquietantes como a aquisição de informações acerca de sexualidade por parte de jovens universitários predominantemente através dos amigos

e de revistas populares. A problemática do preconceito e do tabu da temática que aparece com um grande entrave ao diálogo tanto pelos familiares quanto em outros ambientes coletivos também incide em um desafio para a conscientização popular (MELO e SANTANA, 2005).

Louro (2000) destaca a multiplicidade da sexualidade e a acuidade de seu aspecto social, definindo esse compartilhamento de informações e o diálogo como essencial para o avanço na prevenção ou autoconhecimento sobre a temática.

Conforme Ito et al. (2010) revelam-se duas principais medidas para a prevenção do HPV, o uso de preservativos durante as relações sexuais e as vacinas profiláticas para tipos de HPV específicos e, para impedir o desenvolvimento do câncer do colo do útero, a prática periódica do exame colpocitológico oncótico (Papanicolaou) que comporta o diagnóstico primitivo de lesões cervicais.

Simão e Vidal (2013) consideram em seu trabalho que embora haja um alto índice de mulheres contaminadas com o vírus HPV, se o exame preventivo Papanicolaou for realizado com a frequência aconselhada de em média uma vez ao ano, há uma elevada expectativa de tratamento eficaz, desviando ao não progresso para o câncer.

Silveira et al. (2015) definem a ineficiência e a distância do ensino em saúde em relação à prática diária dos profissionais da área, em sua investigação mesmo as mulheres que periodicamente exerciam o exame Papanicolaou não obtinham conhecimento sobre o HPV e o câncer do colo do útero, desvinculando assim sua prática preventiva ao risco da doença arrolada.

Gonçalves e Macedo (2013, p.1) ressaltam o valor de se anunciar as informações relacionadas ao HPV para diversos grupos populacionais, abarcando camadas sociais distintas assim como “a necessidade de esclarecer a população sobre o HPV, sintomas, diagnósticos, suas formas profiláticas e a introdução das vacinas nas pré-adolescentes pelo Sistema Único de Saúde contra a virose no Brasil”.

## METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa consistiu na execução de uma prática educativa preventiva e a análise dos dados coletados com os participantes durante a atividade. Este estudo surge a partir de uma atividade educativa de promoção da saúde na unidade do SESC de Madureira em abril de 2014. Essa prática caracterizou-se por ser uma exposição interativa trazendo informações e sanando dúvidas a respeito do HPV dentre as quais podemos citar: os sintomas apresentados pelos indivíduos infectados, suas formas de transmissão, modos de prevenção e seus agravamentos como o câncer do colo do útero.

O material didático e ilustrativo disponível contava com um acervo composto por banners, folhetos informativos, modelo didático do sistema reprodutor feminino e exemplos de preservativos. A exposição interativa foi mediada por uma bióloga capacitada, que permaneceu durante a atividade disponível para interação e esclarecimento aos participantes. Essa estratégia possibilitou desmistificar todos os aspectos do vírus HPV, formas de cuidados, medidas preventivas e as consequências de sua contração. A compreensão de temas relacionados como, por exemplo, o câncer do colo do útero, uma das consequências mais graves que pode acometer mulheres portadoras do vírus, torna-se facilitada e aprofundada na medida em que o material utilizado assim como o discurso é explícito e a linguagem acessível ao público. Foram realizadas explicações variadas e amplas sobre o tema assim como o esclarecimento das dúvidas dos participantes acerca dos assuntos trazidos.

O público apresentou-se de forma diversificada e era composto por pessoas de todas as idades que frequentam a unidade com finalidades diversas como lazer, esporte, cultura, educação e saúde. Existem tratamentos disponibilizados na área da odontologia, exposições com temáticas diversas, cursos e oficinas voltadas para o artesanato, meio ambiente, entre outros.

Os cursos ofertados são de formação básica a fim de ampliar os conhecimentos dos frequentadores da unidade. Grande parte dos frequentadores pertence à classe dos comerciários, que possui livre acesso a todas as atividades e

serviços oferecidos nas unidades da instituição SESC, mas também existem atividades que são gratuitas e abertas ao público visando abranger habitantes dos arredores da unidade que situa-se em uma região carente de um bairro periférico do município do Rio de Janeiro. Os funcionários da unidade também podem participar das atividades e, geralmente apresentam interesse e atuação na programação.

O presente trabalho se constitui por uma análise qualitativa, que a partir dos relatos espontâneos interativos expressados durante a atividade, tornou possível determinar as principais dúvidas apresentadas pelos participantes, as questões mais relevantes a serem trabalhadas sobre a temática, o perfil público alvo que apresentou maior interesse, as experiências prévias dos indivíduos relacionadas às informações trazidas apontando o nível de conhecimento daquela determinada população.

Houve também a parcela de investigação quantitativa a partir de entrevistas estruturadas e fechadas, seguindo a metodologia exposta por Britto e Feres (2011). Tal metodologia foi optada devido à dinâmica e formato da atividade em execução, que impedia um contato prolongado com cada sujeito.

De forma oral, os participantes foram questionados durante sua passagem na exposição com as seguintes perguntas: “Você faz uso do preservativo? Você relaciona a realização do exame preventivo para evitar o câncer do colo do útero? Você realiza esse exame periodicamente? Quais os temas você acha mais interessantes na exposição? Você considera importante a realização de atividades como essa em espaços como o SESC?” As respostas eram anotadas pela mediadora durante a realização da atividade para depois serem analisadas.

A atividade constitui aspectos visuais, táteis e auditivos, o que permite múltipla percepção sensorial e reações intuitivas atribuídas a conhecimentos e vivências prévias dos participantes. Dessa forma a percepção dos participantes foi analisada sob a ótica da filosofia através da teoria de Chauí (2000). Segundo a autora a junção dos estímulos externos sensitivos e suas respectivas reações associadas à ideia do sujeito acerca do mundo que o rodeia configuram nas suas percepções.

A metodologia a ser seguida para a análise de dado será a linha de pensamento proposta por Bakhtin (2000) de análise do discurso. Através da perspectiva

do diálogo, possibilita-se conjecturar a autonomia e a diversidade dos cidadãos e assim analisar seu discurso pela sua composição individual influenciada pelo contexto sócio-histórico-cultural do qual pertence. Diante da interação social proporcionada na atividade foi viabilizada a coleta dos dados presentes no discurso dos participantes.

### **A REALIZAÇÃO DA PRÁTICA EDUCATIVA, O DISCURSO DOS PARTICIPANTES E SUAS ANÁLISES**

Como acervo apresentado para a atividade, citamos primeiramente um modelo didático do sistema reprodutor feminino, que contava com a representação de estruturas e de diferentes anomalias e enfermidades que atingem os órgãos desse sistema. Com um formato tridimensional similar ao que os organismos apresentam na realidade, o modelo favorece que os participantes visualizem e compreendam de forma holística e completa as aparências presentes no sistema anatômico feminino e obtenham a noção da variedade e complexidade dos problemas que possivelmente possam aparecer. Para exemplificar mencionamos elementos como carcinoma ou sarcoma, pólipos, cistos, endometriose, adenomiose, miomas, salpingite, mioma penduculado e aderências. Como pode ser visto na figura 1.

**Figura 1: Modelo didático do sistema reprodutor feminino**



**Fonte: Arquivo pessoal.**

A partir das reações dos participantes ao interagir com o modelo didático disponibilizado (figura 1) durante a atividade para contemplação e manuseio, podemos observar a falta de embasamento apresentada pelos mesmos e a surpresa que tiveram ao perceber o que estava exposto, desde o formato até as anomalias presentes no modelo. Dessa forma notou-se que o que estava sendo abordado e apresentado era novidade para grande parte dos indivíduos que passaram pela exposição.

A estrutura e formatos dos órgãos, a dimensão das anomalias e enfermidades que agridem o sistema reprodutor feminino, entre outros elementos discrepavam das concepções prévias dos participantes e através da percepção sensorial ao toque, à visão em três dimensões colorida, articulando o imaginário e o contato concreto simulado proporcionado na experiência da atividade realizada que ocorre a formação da percepção segundo a proposta de Chauí (2000).

Havia também um banner informativo com dados referentes ao vírus HPV suas características assim como subsídios para o conhecimento mais claro do câncer do colo do útero, o ápice negativo que a contaminação do HPV pode resultar. Foi afixado também um pôster contendo imagens e informações acerca do sistema

reprodutor feminino, sinalizando suas principais características e alguns conteúdos como a composição celular referenciando aspectos reprodutivos e embrionários.

A fim de propiciar a entrega de um material didático que permitisse que os participantes consultassem as informações disponibilizadas na atividade ou até mesmo perpetuassem as mesmas para outros indivíduos, folhetos explicativos foram distribuídos aumentando as chances de que os indivíduos incorporassem o que foi apresentado apesar do contato rápido com a exposição. Outra metodologia aplicada na atividade foi a demonstração da forma correta de colocação de preservativos tanto masculino como feminino. Esses elementos citados podem ser verificados nas figuras 2 e 3.

**Figura 2: Panorama da atividade durante a explanação informativa incluindo todos os componentes da atividade.**



**Fonte: Arquivo pessoal.**

**Figura 3: Mesa expositiva com acervo dos modelos e livros didáticos**



**Fonte: Arquivo pessoal.**

Outro tema abordado foi o câncer de mama ofertando um protótipo de mama feito de silicone permitindo que os participantes verificassem a textura de um seio com essa composição, alternativa muitas vezes empregada após a retirada de um tumor. Alguns livros didáticos de anatomia e fisiologia básica permaneceram na mesa da atividade para consulta no caso de interesse maior dos participantes ou para tomar conhecimento de alguma dúvida ou conteúdo mais específico.

Para explicar os conteúdos abordados e para esclarecer as dúvidas dos participantes, estava disponível em todo o período da atividade uma bióloga como mostra a figura 4. Ao aproximarem-se, os participantes eram questionados a respeito de seus conhecimentos prévios e elucidadas explicações a do câncer de colo do útero, respeito do vírus, opções preventivas e características do sistema reprodutor.

**Figura 4: Participantes interagindo com a bióloga mediadora durante a execução da atividade.**



**Fonte: Arquivo pessoal.**

Para aferir a quantidade de participantes havia uma listagem de presença onde os mesmos deveriam assinar ao passar pela atividade. O quantitativo total atingido foi de 276 participantes que circularam pela exposição. Quanto ao gênero dos participantes 194 (cerca de 70%) foram mulheres e 82 (cerca de 30%) homens. Na faixa etária a distribuição se determinou entre 42% na faixa de 35-50 anos; 28% acima de 50; 16% de 20 a 35 e 14% abaixo de 20.

Um levantamento foi realizado diante das falas coletadas dos participantes para verificar quais os tópicos em que havia maior dificuldade de compreensão e o maior interesse sobre a temática. Também foram aplicadas questões referentes à validade da atividade, às atividades de prevenção efetivadas pelos participantes, a opinião dos mesmos acerca do tema e de seus conceitos atrelados, assim como o conhecimento pré-existente dos participantes e o que consideravam mais interessante ou difícil.

A metodologia de coleta desses dados foi a aplicação oral de uma entrevista estruturada fechada aos sujeitos especificamente com questões relativas à: prática do uso de preservativos nas relações sexuais, temas mais interessantes, da associação do

exame Papanicolau com a prevenção do câncer do colo do útero, da realização periódica do preventivo feminino, sobre a importância da promoção e execução de atividades educativas naquela instituição e em outros espaços similares.

A respeito da associação da prevenção com a prática do exame Papanicolau 68% alegou que não estava ciente sobre essa relação com 32% declarando ter essa sabedoria. O resultado corrobora com a pesquisa de Silveira et al. (2015) em postos de saúde, apontando essa desarticulação entre o exame e o HPV, conseqüentemente obstando que esses indivíduos reconheçam a relevância da realização do exame preventivo assim como dos riscos agregados na não realização do mesmo.

No âmbito da utilização de preservativos durante o ato sexual, 45% dos participantes declarou usar preservativos com frequência, 28% usa às vezes e 27% não usam (a maioria por assegurar só apresentar um parceiro sexual de confiança).

Pode-se afirmar que o uso do preservativo é considerado essencial para a prevenção não só do HPV como outras DSTs, a decisão da não utilização como exposta por grande parte dos participantes sugere que não existe a inclusão do princípio de proteção permanente como trata Gomes et al. (2009), as ações educativas necessitam obter um caráter contínuo e direto abrangendo amplamente a população.

Acerca da realização do exame 74% garantiu não realizar o exame periodicamente, com apenas 26% afirmando ter esse hábito (Essa pergunta foi aplicada somente ao público feminino, sendo assim a porcentagem é calculada sobre o quantitativo de 194 participantes no total).

O dado referente à realização do exame preventivo pelo grupo de mulheres analisado revela um baixo índice quanto a essa prática o que representa um alerta, uma vez que Simão e Vidal (2013) consideram a realização do Papanicolau determinante para o diagnóstico precoce do câncer do colo do útero e de lesões que possam evoluir para o mesmo. Sem a verificação e o reconhecimento através do exame os riscos de progressos lesivos são infinitamente maiores.

Em termos de interesse apresentado pelo público, a vacinação aparece em primeiro lugar (43%), seguida dos preservativos (em especial o feminino) e suas

orientações (21%), após os grupos de risco e sintomas empatados (14% cada) e tratamento e cura na sequência (8%).

Os dados encontrados são positivos dentro do conceito da predisposição dos indivíduos acerca de hábitos preventivos. Conforme a pesquisa Ito et al. (2010) onde a vacinação e o uso de preservativos, os dois itens que aparecem como principais tópicos de interesse dos participantes, são consideradas as melhores estratégias para a prevenção contração do vírus HPV. A discrepância em torno da efetiva utilização dos preservativos e aderência à campanha de vacinação, em relação ao interesse dos temas revelados, sugerem uma falta de informação preocupante e uma ausência de orientação a esses sujeitos. Segundo os autores esse déficit compromete o combate ao vírus HPV.

Acreditamos que o fato da vacinação aparecer em primeiro lugar como tópico de interesse dos participantes está atrelado à ampla divulgação e notoriedade dada às campanhas e a exposição do tema na mídia, corroborando com o argumento de Vasconcellos (2004) que aponta que esse veículo é um dos principais meios de acesso de informação de grande parcela da população. Outra hipótese é a importância dada ao assunto nas escolas que incentivam a adesão dos estudantes, devido ao fato do público alvo das campanhas ser composto por sujeitos em idade escolar. Gonçalves e Macedo (2013) ressaltam que há uma demanda por esclarecimentos sobre o HPV assim como aspectos associados.

A avaliação dos participantes sobre a validade da atividade realizada foi positiva, 92% dos participantes garantiu apreciar a prática educativa acerca da temática da saúde em instituições como o SESC. O resultado ratifica a proposição de Vieira (2005) que aponta o potencial didático do espaço não formal de ensino. Da mesma forma como se apresenta no estudo de Marandino (2001) determinando uma tendência receptiva dos indivíduos nesses espaços alternativos por propiciarem um ambiente descontraído e agradável favorável às diferentes abordagens.

Selecionamos para execução da análise de discurso, a luz de Bakhtin (2000), trechos coletados e expressados por participantes pertencentes a diferentes perfis que

perpassaram pela atividade. Sinalizamos inicialmente um trecho que concerne a respeito da preocupação com a prevenção para o HPV:

*Eu não vejo motivo para pensar nisso aí não... Só dá em mulher. Não gosto de usar camisinha não, incomoda muito. Prefiro no modo natural mesmo.*

O indivíduo responsável pela fala é do gênero masculino incluso na faixa etária de acima dos 50 anos, com estado civil separado. O mesmo admite que não possui hábito de utilização de preservativos durante o ato sexual. Esse discurso traduz um pensamento que pode caracterizar concepções machistas e falta de conhecimento dos riscos para si e para as eventuais parceiras com quem se relaciona. Xavier et al. (2007) defendem que esse pensamento está equivocado uma vez que os homens podem sim transmitir o vírus, apresentando sintomas como verrugas em seu órgão sexual ou não, que denunciem a presença do HPV em seus organismos.

*Na minha idade não aparece nada assim. Mais tarde eu vejo, mas comigo não vai acontecer não.*

A fala acima foi relatada por uma participante feminina, considerada jovem dentro do grupo com idade abaixo de 20 anos, representando uma característica de risco presente de maneira recorrente em indivíduos dessa idade, a inconsequência. Essa questão faz com que esse grupo seja observado com atenção e incluído em estatísticas diversas de áreas problemáticas na sociedade como vício e uso de drogas, acidentes de carro por imprudências assim como o acometimento a doenças como as DSTs que é retratado pelos autores Camargo e Ferrari (2009). Façanha et al. (2004) apontam que, além dessa questão da inconsequência a vulnerabilidade dos jovens às DSTs, também envolve práticas como a troca constante de parceiros sexuais e a resistência ao uso de preservativos.

*Não me preocupo com o uso da camisinha, confio no meu marido, estamos junto há muito tempo.*

O discurso empregado por essa participante aponta uma tendência presente em grande parte dos casais na sociedade brasileira. O perfil da participante, mulher,

dona de casa, 53 anos, é um perfil de mulheres que muitas vezes já têm filhos criados, tem uma vida sexual tranquila com os maridos e não veem necessidade de uso de métodos contraceptivos. Essa diferenciação que os indivíduos têm dificuldade de perceber entre o contraceptivo e o preservativo referente às DSTs. Santos, Ferreira e Silva (2015) sinalizam em seu estudo que há um desconhecimento quanto aos métodos contraceptivos, o que irá influenciar diretamente na escolha dos casais quanto ao uso desses métodos. Sehnem et al. (2014) apontam a vulnerabilidade das mulheres no acometimento às DSTs, em especial as que vivenciam relações estáveis uma vez que existem questões culturais e de gênero envolvidas, assim como aspectos como a submissão da mulher que faz com que negligenciem a prevenção diante da falta do poder de negociação para o uso de preservativos pelos parceiros.

A ação realizada promoveu a difusão de informações pertinentes ao HPV, câncer do colo do útero, preservativos e a relação entre esses elementos. A partir do diálogo estabelecido entre a especialista mediadora e os participantes foi possível esclarecer dúvidas, que foram trazidas pelos participantes, assim como através do material disponibilizado que também forneceu conteúdos dentro da temática aos participantes que, conforme as estatísticas observadas, não tinham conhecimento sobre a importância de cuidados como o exame papanicolau, o uso do preservativo ou até mesmo a vacina contra o HPV. Essas informações foram esclarecidas através do material disponibilizado na atividade e pela fala da mediadora obtendo relatos de participantes afirmando que aprenderam sobre os riscos e a existência do vírus e a exposição ao mesmo independente de sua classe social ou perfil de relacionamento.

Havia uma avaliação acerca da atividade após a participação dos indivíduos e selecionamos alguns trechos de comentários no campo de observações e sugestões que corroboram com a contribuição da atividade para as concepções dos participantes sobre a temática.

*Nem sabia que existia esse vírus e que a gente podia pegar ele mesmo estando casada, acho muito importante falar sobre isso para as pessoas.*

Nesse discurso uma senhora de 64 anos, afirma que considera positiva a atuação do projeto em um espaço público para promover essas discussões entre os participantes e difundir conhecimentos no campo da saúde, que a participante até então não tinha acesso. Essa viabilização de conteúdos contribui para a formação dos indivíduos e colabora com a mudança do pensamento para uma prática mais saudável e preventiva. Maeyama et al. (2015) ressaltam aspectos das práticas educativas com enfoque na prevenção pautadas na divulgação de informações científicas e recomendações de mudanças de hábitos visando a redução da incidência de doenças na população, conforme percebemos na atuação aqui exposta.

*Eu entendi com a atividade que eu estava errado em não querer usar a camisinha. Vi que eu posso estar em contato com o HPV e contaminar as meninas também. A partir de agora, mesmo namorando vou usar sempre camisinha.*

Nesse discurso observamos que o participante, um jovem masculino de 27 anos, passou a refletir sobre seu hábito diante das explicações obtidas na atividade e afirmou que irá agir de forma diferente após o conhecimento adquirido. O relato corrobora com o exposto por Falkenberg et al. (2014) que argumentam que as práticas educativas em saúde devem promover ações transformadoras onde o indivíduo alcance autonomia e emancipação podendo propor e opinar nas decisões de saúde para cuidar de si mesmo, de sua família e da coletividade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Observa-se através desse trabalho que existe uma ausência de informação e sua respectiva difusão no que se refere às questões de saúde coletiva. As orientações disponibilizadas a partir de programas e ações educativas permitem uma modificação preventiva de atitude nas pessoas. Dessa forma é possível evitar o contágio e a infecção de inúmeras doenças. Os habitantes residentes do bairro do local da atividade se revelaram receptivos diante da temática abordada assim como aos conceitos trabalhados demonstrando uma importância de ações do mesmo perfil.

O governo realiza poucas ações e campanhas educativas com desempenho que pode ser considerado desarticulado e com pouca visibilidade pela população. Acerca da vacina preventiva existe um conhecimento dos indivíduos através da veiculação na mídia, gerando maior repercussão, contudo, não evidenciam a compreensão de aspectos como as características do vírus nem os riscos sofridos por pessoas que não fazem parte do público alvo divulgado nas campanhas de vacinação.

O conhecimento prévio e os hábitos que colaborem para a prevenção demonstrados pelos participantes apresentaram-se incipientes. Percebeu-se uma lacuna referente aos espaços que viabilizem debates e esclarecimentos através da difusão de informações pertinentes à temática da saúde num âmbito coletivo e público.

Observou-se um potencial de contribuição na transformação do pensamento reflexivo e crítico dos participantes diante da exposição realizada para a difusão de informação a respeito da saúde. Essa colaboração foi percebida nos relatos e avaliações dos participantes alegando que obtiveram através da atividade informações, que até então não conheciam, que fizeram os mesmos repensarem suas atitudes e tornaram-se capazes de tomar novas decisões em seu cotidiano. Dessa forma consideram-se relevantes iniciativas institucionais de promoção e prevenção da saúde coletiva.

Sugere-se através desse trabalho a expansão e a multiplicação de iniciativas com o caráter de prática educativa visando atingir uma população ampla e irrestrita voltada para a prevenção e o ensino da saúde. A extensão e a abrangência dessas estratégias para um maior número de localidades seria recomendável. Outro quesito que merece atenção é a periodicidade permitindo uma continuidade e diversificação de temas e assuntos que possibilitasse uma atuação mais efetiva refletindo em uma redução nos índices de epidemias que assolam os cidadãos.

## Referências

- ACIOLI, S. A prática educativa como expressão do cuidado em Saúde Pública. **Revista Brasileira Enfermagem**, v. 61, n. 1, p.117-121, 2008.
- BAKTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BRAGA, L. O.; SOUZA, D. V. SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE: PREVENÇÃO DE DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS. **Revista FAROCIÊNCIA**, v. 1, n. 1, p. 158-161, 2016.
- BRITTO, A. F. J.; FERES, N. J. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. **Evidência**. Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011.
- CAMARGO, EAI.; FERRARI, RAP. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.14, n.3, 937-946, 2009.
- CASCAIS, MG., FACHIN-TERAN, A. Educação formal, informal e não formal em ciências: contribuições dos diversos espaços educativos. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL NORTE NORDESTE, 20, Manaus. **Anais...** Manaus: UFAM, 2011.
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.
- CRUZ, L. M. B.; LOUREIRO, R. P. A comunicação na abordagem preventiva do câncer do colo do útero: importância das influências histórico-culturais e da sexualidade feminina na adesão às campanhas. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 120-131, 2008.
- FALKENBERG, MB. et al. Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 3, 2014.
- FAÇANHA, M.C., MENEZES, B.L.F, FONTENELE, A.D.B., MELO, M.A., Conhecimento sobre reprodução e sexo seguro de adolescentes de uma escola de Ensino Médio e Fundamental de Fortaleza – Ceará. **DST - Jornal brasileiro Doenças Sexualmente Transmissíveis**; v. 16, n.2, p. 5-9, 2004.
- FREITAS, L. V. **Avaliação de propostas educativas para a prevenção de DST/HIV em adolescentes: uso isolado e combinado de tecnologias**. 2014. Tese de Doutorado.
- GADOTTI, M. **A questão da educação formal/não-formal**. Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution? Suíça, Institut international des droits de l'enfant (ide). Out. 2005.
- GARCIA, M.A.A. Saber, agir e educar: o ensino-aprendizagem em serviços de saúde. **Interface- Comunicação, Saúde, Educação**; v.8, p. 89-99, 2001.
- GOMES, KO. et al. A práxis do agente comunitário de saúde no contexto do Programa Saúde da Família: reflexões estratégicas. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 744-755, 2009.
- GONÇALVES, E.; MACEDO, ME. HPV- a Importância da Vacinação de Jovens de Nove a Treze Anos de Idade. **Acervo da Iniciação Científica**, n. 2, 2013.

ITO, MM.; VARGAS, SM.; SUZUKI, LE.; MERLIN, JC. Dimensão da participação do papilomavírus humano (HPV) na evolução do câncer cérvico-vaginal. **Revista Brasileira de Análises Clínicas**, vol. 42, n. 2, p. 127-129, 2010.

JACOBUCCI, DFC. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da Cultura Científica. **Em Extensão**, Uberlândia. V. 7, 2008.

LANGHI, R; NARDI, R. Ensino da astronomia no Brasil: educação formal, informal, não formal e divulgação científica, **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 31, n. 4, p. 4402-1-4402-11, 2009.

LOURO, GL. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MAEYAMA, MA. et al. Promoção da saúde como tecnologia para transformação social. **Revista Brasileira de Tecnologias Sociais**, v. 2, n. 2, p. 129-143, 2016.

MARANDINO, M.; SILVEIRA, RVM.; CHELINI, MJ.; FERNANDES, AB.; GARCIA, VAR.; MARTINS, LC.; LOURENÇO, MF.; FERNANDES, JA.; FLORENTINO, HA. A educação não formal e a divulgação científica: o que pensa quem faz? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE CIÊNCIAS - SP, 4, Bauru, SP. **Atas...**: Porto Alegre: ABRAPEC, 2003. p. 1-13.

MARANDINO, M. Interfaces na Relação Museu-Escola. **Caderno Catarinense de Ensino de Física**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2001.

MARON, L. C. et al. OFICINAS EDUCATIVAS COM ADOLESCENTES SOBRE DSTS/AIDS E MÉTODOS CONTRACEPTIVOS: Um Relato de Experiência. **Revista Contexto & Saúde**, v. 11, n. 20, p. 1155-1160, 2013.

MARTINS, C. B. G., FERREIRA, L. O., SANTOS, P. R. M., SOBRINHO, M. W. L., WEISS, M. C. V., SOUZA, S. P. S. Oficina sobre sexualidade na adolescência: uma experiência da equipe saúde da família com adolescentes do ensino médio. **Reme – Revista Mineira de Enfermagem**; v. 15, n.4, p. 573-578, 2011.

MELO, A. S. A. F., SANTANA, J. S. S. Sexualidade: concepções, valores e condutas entre universitários de biologia da UEFS. **Revista Baiana Saúde Pública**; v. 29, n.2, p. 59-149, jul. 2005.

MONTEIRO, S. S., VARGAS, E. P., REBELLO, S. M. Educação, prevenção e drogas: resultados e desdobramentos da avaliação de um jogo educativo. **Educação & Sociedade**; v. 24, n.83, p. 659-78, ago. 2003.

NEVES, J. A. C. et al. Processo saúde-doença: a sexualidade e a AIDS na terceira idade. **Enfermagem Revista**, v. 18, n. 1, p. 121-135, 2015. NUNES, ED., Saúde coletiva: História de uma ideia e de um conceito. **Saúde e Sociedade**, v. 3, n.2, p. 5-21, 1994.

PINTO, LT.; FIGUEIREDO, VA. O ensino de Ciências e os espaços não formais de ensino. Um estudo sobre o ensino de Ciências no município de Duque de Caxias/RJ. In: SIMPÓSIO

NACIONAL DE ENSINO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA, 2, Ponta Grossa, PR. **Anais...** Ponta Grossa: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2010.

QUEIROZ, R. M. de et al. A caracterização dos espaços não formais de educação científica para o ensino de ciências. **Revista Areté | Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, v. 4, n. 07, 2014.

SANTOS, AAP.; FERREIRA, CC.; DA SILVA, ML. FATORES QUE INTERFEREM NA ESCOLHA DO MÉTODO CONTRACEPTIVO PELO CASAL: REVISÃO INTEGRATIVA. **Revista de APS**, v. 18, n. 3, 2016.

SANTOS, SMJ., RODRIGUES, JA., CARNEIRO, WS. Doenças Sexualmente Transmissíveis: Conhecimento de alunos do ensino médio. **DST – Jornal brasileiro Doenças Sexualmente Transmissíveis**, v. 21, n. 2, p. 65-70, 2009.

SANTOS, JLF.; WESTPHAL, MF. Práticas emergentes de um novo paradigma de saúde: o papel da universidade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.13, n.35, p.71-88, 1999.

SEHNEM, GD. et al. Conhecimentos e práticas de mulheres acerca da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. **Revista de enfermagem UFPE on line-ISSN: 1981-8963**, v. 8, n. 10, p. 3275-3281, 2014.

SILVA, MP.; CRVALHO, WLP. O desenvolvimento do conhecimento pedagógico do conteúdo de sexualidade na vivência das professoras. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 11, n. 1, p. 73-82, 2005.  
SILVEIRA, RS. et al. Uma abordagem preventiva do câncer cervicouterino com mulheres em idade fértil. **SANARE- Revista de Políticas Públicas**, v. 14, n. 1, 2015.

SIMÕES, PRG.; VIDAL, ECF. Mulheres com HPV: análise das variáveis idade, escolaridade, frequência de realização e alterações nos exames citopatológicos. **Cadernos de Cultura e Ciência**, v. 12, n. 1, p. 86-95, 2013.

TORRES, GV., EENDRES, BC. Atividades educativas na prevenção da AIDS em uma rede básica municipal de saúde: participação do enfermeiro. **Revista Latino-americana de Enfermagem**; v. 7, n.2, p. 71-7, abr. 1999.

TORNIS, NHM., LINO, AIA., SANTOS, MAM., LOPES, CLR., BARBOSA, MA., SIQUEIRA, KM. Sexualidade e anticoncepção: o conhecimento do escolar/ adolescente. **Revista Eletrônica de Enfermagem**. v. 7, n. 3, p. 344-50, 2005.

VASCONCELOS, EM. Educação popular: de uma prática alternativa a uma estratégia de gestão participativa das Políticas de Saúde. **Physis – Revista de Saúde Coletiva**; v. 14, n. 1, p.67-83, jun. 2004.

VIEIRA, V.; BIANCONI, ML.; DIAS, M. Espaços não-formais de ensino e o currículo de ciências. **Ciência e cultura**, v. 57, n. 4, p. 21–23, dez. 2005.

XAVIER, S. D., BUSSOLOTI, F. I., CARVALHO, J. M., FRAMIL, V. M., Castro, T. M. Frequência de aparecimento de Papilomavírus Humano na mucosa oral de homens com HPV anogenital confirmado por biologia molecular. **Arquivos Internacionais de Otorrinolaringologia**, v. 11, n.1, p. 36-44, 2007.

Data do envio: 05/06/2017

Data do aceite: 04/12/2017